

PCNA

Projeto de Curso de
Nivelamento da
Aprendizagem

CAMPUS DE ANANINDEUA

Material Didático

2016

Universidade Federal do Pará

**Comunicação
&
Expressão**



Administração do Campus de Ananindeua

Ediza Joana de Oliveira Fontes
Coordenadora do Campus de Ananindeua

Francivaldo Alves Nunes
Vice-Coordenador do Campus de Ananindeua

Professores do PCNA

- Marcos Benedito Caldas Costa (Coordenação Geral)
- Franci Taissa Nunes Barbosa (Assessoria Pedagógica)

Matemática

- Antonio da Costa Gomes
- Alacid do Socorro Siqueira Neves
- Franciele Gomes Ferreira
- Roseane de Lima Silva

Química

- Alcy Favacho Ribeiro
- Kellen Heloizy Garcia Freitas

Física

- Carlos Alberto Brito da Silva Júnior
- Marcos Benedito Caldas Costa

Língua Portuguesa

- Francivaldo Alves Nunes
- Luiz Matheus Queiroz Reis

Monitores do PCNA

- Ana Beatriz Rodrigues Porto – Matemática
- Avenir Gleidson Andrade Santos – Língua Portuguesa
- Cesar Augusto Oliveira Gomes - Língua Portuguesa
- Higor F. Pina Gomes – Química
- Karlymme Mayara Barbosa de Oliveira - Física
- Paulo Victor Campos Sousa – Química
- Rafaela Farinha Felipe – Física
- Roberto de Sousa Cruz Júnior - Matemática

SUMÁRIO

1. Interpretação textual – 2
2. Resumo - 7
3. Resenha – 8
4. Citação
5. Fichamento – 15
6. Coesão – 15
7. Pontuação – 27
8. Crase – 33

1. Interpretação textual

Mulher esconde pedido de ajuda na lição de casa do filho para denunciar maus tratos do marido

Sob a vigilância constante do marido, uma uruguaia vítima de violência doméstica encontrou uma forma engenhosa de denunciar sua situação para a polícia na Espanha.

Vivendo em Benalmádena, na província de Málaga, no sul do país, ela não podia sair na rua sozinha e usar o celular ou entrar nas redes sociais sem a permissão do marido. Ele ainda fazia checagens frequentes no telefone e filtrava qualquer contato seu com o mundo exterior, segundo relatos da polícia ao jornal ABC, que revelou o caso.

Mas ela conseguiu esconder um bilhete com um pedido de ajuda em meio à lição de casa de seu filho de 8 anos. Nele, explicava sua situação e dava dados pessoais, inclusive seu endereço.

A professora do menino achou o bilhete dentro de um livro e avisou a direção da escola, que entrou em contato com as autoridades e o Centro Municipal da Mulher de Benalmádena.

Para evitar riscos à mulher, foi elaborado um plano para investigar a denúncia sem levantar suspeitas. O casal foi convocado para ir à escola para uma suposta reunião sobre o filho.

Quando chegaram à escola, o marido esperou do lado de fora, e ela entrou na sala. A mulher relatou aos policiais os maus tratos que estava sofrendo, descrevendo as agressões, inclusive uma ocasião em que o marido teria colocado fogo na cama para intimidá-la, e exibiu os vários hematomas que tinha pelo corpo.

O homem foi detido ali mesmo, mas depois libertado sob a condição de se manter afastado a uma distância mínima da vítima e de usar uma pulseira eletrônica que informa à polícia se esta medida for descumprida.

A mulher e seu filho estão recebendo assistência do Instituto Andaluz da Mulher, órgão governamental dedicado à promoção da igualdade de gênero.

Disponível em :
<http://www.bbc.com/portuguese/geral/2016/05/160504_violencia_mulher_recado_filho_rb>

1 – Destaque as afirmações que podem ser deduzidas da leitura do texto.

() Pode-se deduzir do texto que a não-intervenção nos conflitos entre cônjuges é sempre a melhor opção, pois em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher.

() A notícia surpreende pela violência contra a mulher não ser mais tão presente em nossa atualidade.

() A atuação do Instituto Andaluz da Mulher justifica-se por uma demanda social, conforme o caso ilustrado, de proteção da mulher em uma sociedade em que há desigualdade entre gêneros.

2 – Discorra brevemente sobre como reduzir eficazmente a violência doméstica contra a mulher. Deve-se buscar a sanção de leis mais rígidas? Implementação de políticas educacionais? Medidas de outra natureza? Por quê?

Estudos apontam que mulheres lideram número de doutores no exterior

As doutoras tituladas no exterior representam, desde 2012, mais de 60% dos brasileiros que obtiveram esse título em outros países. Informações como essa compõem o estudo "Doutores Brasileiros Titulados no Exterior (1970 - 2014)", apresentado nesta terça-feira, 29, pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), organização social supervisionada pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), durante seminário em Brasília.

O estudo mostra que no Brasil há 14.173 doutores titulados no exterior entre 1970 e 2014. Desse total, 8.357, ou 59%, são homens e, 5.786, ou seja, 41%, são mulheres. Até 2011, os homens eram os que mais saíam do Brasil para obter a titulação. Em 1970, apenas 12 mulheres haviam se titulado no exterior, enquanto os homens eram 29. A partir de 2012, esse cenário muda, e as mulheres doutoras ultrapassam os homens. Em 2014, 464 mulheres fizeram o doutorado fora, os homens com a mesma titulação eram 291.

"Isso pode estar associado a um conjunto de fatores sociais e econômicos bem conhecidos no país, como a crescente independência e liderança da mulher na sociedade brasileira, a transformação do papel feminino – a maternidade já não é o principal fato social na vida da mulher no Brasil - e a participação ativa no mercado de trabalho, o que é recorrente e cada vez mais expressivo", afirma o coordenador do estudo e assessor técnico do Centro, Henrique Villa.

Desigualdade de renda

No entanto, as doutoras tituladas no exterior ainda ganham menos que os doutores que também se formaram em outros países. Elas recebem uma média de 83,5% do salário dos homens. Dados como esse integram o documento, que apresenta uma análise sobre o perfil dos doutores com formação plena no exterior entre 1970 e 2014. O estudo foca em aspectos relacionados às características da formação acadêmica dos mesmos, da atuação profissional desse grupo no Brasil, dos padrões de remuneração a que estão submetidos e a questão de gênero nesse universo, dentre outros aspectos relevantes.

Quanto à renda, no entanto, os dados de 2014 mostram que as doutoras formadas no exterior ganham em média R\$ 15.239,12, enquanto os homens com a mesma titulação recebem em média, por mês, R\$ 18.250,49. Eles também estão mais presentes no mercado formal. De acordo com os dados de 2014, os últimos disponíveis, 2.825 mulheres e 5.988 homens estão empregados. Os dados consideram o total de doutores no país, formados desde 1970.

A diferença se dá, segundo a assessora técnica do CGEE Sofia Daher, entre outros fatores, pela posição ocupada pelas mulheres. "Uma das coisas que talvez explique a remuneração é o tipo de ocupação. Dirigentes, membros superiores de instituições costumam ter remuneração maior e há menos mulheres nessas posições", diz.

Ciência sem Fronteiras

Na publicação, o Programa Ciência sem Fronteiras (CsF) é citado como um dos principais programas que oferecem doutorado pleno. O programa financia mais de 3,3 mil doutorados plenos no exterior. Esses doutores não foram considerados no estudo por ainda não estarem titulados.

"O CsF fez um esforço de radicalizar a formação no exterior. Ele trabalha em vários níveis, não é um programa só de doutores. Eu acho que ele levou a um ponto único a discussão da política pública brasileira de formação, ao entendimento de que é preciso que o intercâmbio no exterior se generalize, se intensifique", diz o diretor do CGEE, Antonio Carlos Galvão.

O estudo

Para Henrique Villa, no Brasil, os pesquisadores-doutores têm papel preponderante no Sistema Nacional de CT&I, pois são, em geral, os responsáveis pela produção de conhecimento, gestão de laboratórios e orientação de jovens cientistas que chegam às principais instituições públicas e privadas que, por sua vez, são responsáveis pelo segmento no País.

A pesquisa se utiliza de informação sistematizada pelo CGEE, a partir de dados extraídos da Plataforma Lattes/CNPq e da RAIS/MTE sobre um total de 14.173 doutores titulados no exterior entre 1970 e 2014. A iniciativa visa a oferecer um conjunto expressivo de dados e informações que possam servir como subsídios para a tomada de decisão em relação a estratégias setoriais e para a formulação das políticas de ciência, tecnologia e inovação.

O estudo integra um esforço do CGEE para avaliar a formação de recursos humanos em CT&I no País e subsidiar a formulação de políticas públicas na área. Trata-se de uma atividade contínua do Centro que ainda vai gerar o estudo "Mestres e Doutores 2015", já em sua terceira edição ("Doutores 2010" e "Mestres 2012").

Saiba mais sobre o CGEE.

(com informações do CGEE e da Agência Brasil)

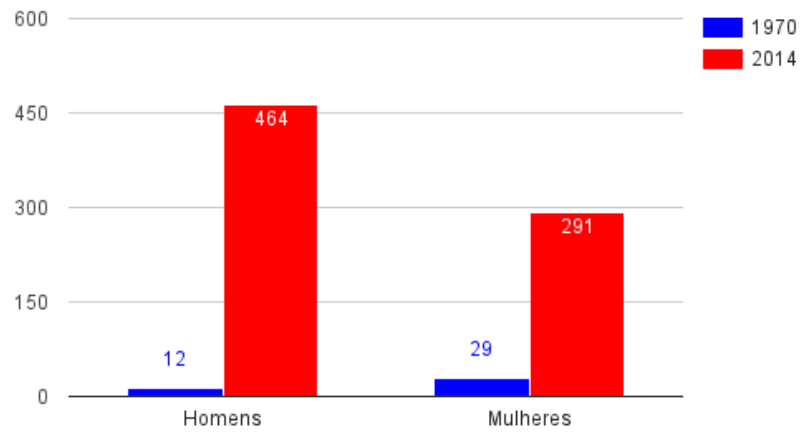
Pode-se deduzir da leitura do texto acima.

() As mulheres encontram-se em situação de vantagem em todos os aspectos, tanto que agora são a maioria a ir fazer doutorado no exterior.

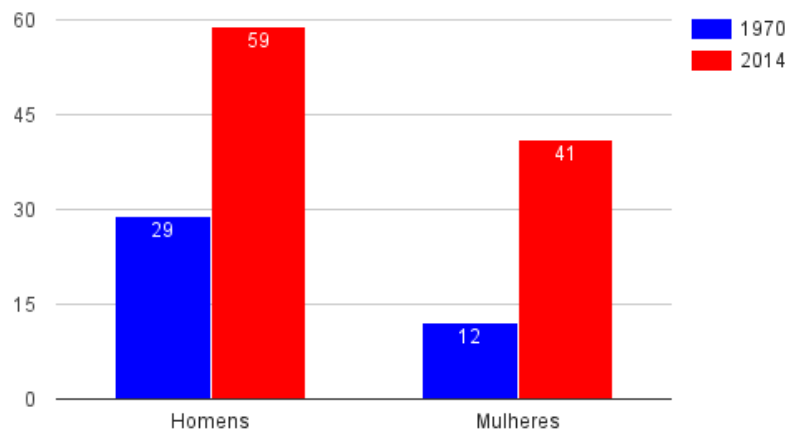
() O texto aborda a conquista da progressiva inserção das mulheres em programas de doutorado, mas ressalva que ainda há questões de desigualdades a serem superadas.

Assinale, respectivamente, o gráfico que representa o sexo dos haviam feito doutorado no exterior até 1970 e o que indica essa proporção quanto aos que foram para fora em 2014.

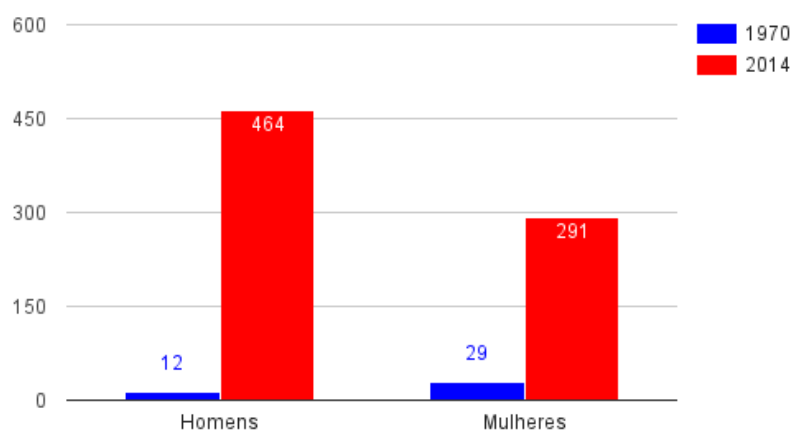
A)



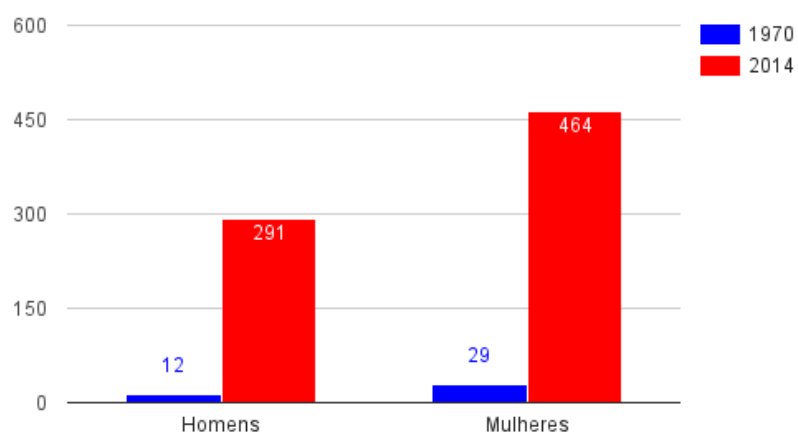
B)



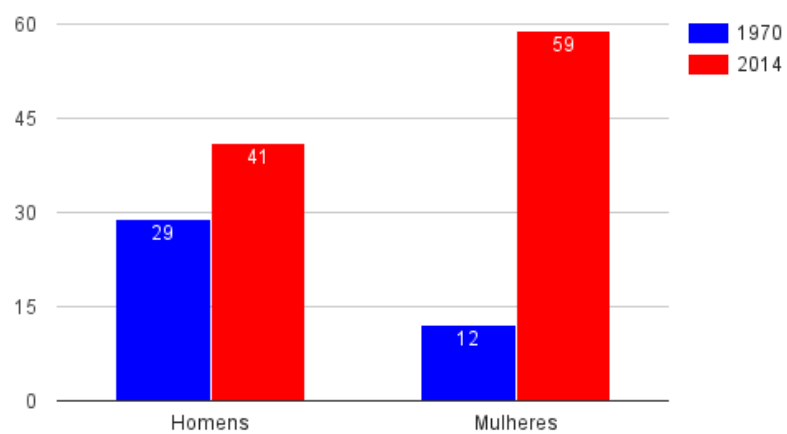
C)



D)



E)



2 - Resumo

É muito comum a solicitação de resumos aos estudantes em instituições de ensino superior. Trata-se de um texto que deve apresentar de maneira breve e clara as ideias do texto. O que se espera é a apresentação das premissas básicas e fundamentais, com uma visão panorâmica das ideias foram desenvolvidas, tudo com o cuidado de não entrar em pormenores que não sejam pertinentes.

Por se tratar de um texto necessariamente conciso, o resumo deve obedecer a determinada extensão. Para Medeiros (2011), a resenha deve ter entre: 150 a 500 palavras se for sobre uma tese, dissertação, outro trabalho acadêmico e relatórios técnico-científicos; 100 a 250 palavras se for sobre artigos de periódicos; e de 50 a 100 caso seja uma indicação breve.

Em sua estrutura, deve-se apresentar a referência bibliográfica (autor, obra, local de publicação, editora, ano, páginas) e resumo do conteúdo, além das palavras-chave. Conforme a NBR 6028:2003, o resumo deve possuir preferencialmente um parágrafo. É de fácil conclusão que a recomendação se deve à natureza breve desse texto. Com base nessas considerações, analisemos o seguinte resumo:

PRATES, Venina; SOUZA, Luiz C. de P. e OLIVEIRA JUNIOR, Jairo C. de. **Índices para a representação da paisagem como apoio para levantamento pedológico em ambiente de geoprocessamento.** *Rev. bras. eng. agríc. ambient.* [online]. 2012, vol.16, n.4, pp.408-414. ISSN 1415-4366. <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-43662012000400011>.

O mapeamento de solos tem ganhado destaque dentro da comunidade científica, pois, à medida em que a preocupação com o meio ambiente aumenta, ocorre a necessidade de se entender cada vez mais a distribuição dos solos na paisagem, tal como seu potencial e limitações de uso. Desta forma, o principal objetivo do trabalho foi aplicar índices de representação da paisagem com o apoio de geoprocessamento, suporte na delimitação dos diferentes compartimentos da paisagem. Foram utilizados índices primários Altitude above channel network (AACN) e secundários Channel network base level (CNBL), Multiresolution index of valley bottom flatness (MRVBF) e Wetness index (ITW), cujo estudo foi a Fazenda Experimental Canguiri, no município de Pinhais, região Metropolitana de Curitiba. Para correlacionar os atributos químicos e granulométricos por grupo de amostragem, totalizando 17 pontos (Sugamoto, 2002) foi gerada, no Software Statistica, uma matriz de correlação linear simples (Pearson) com os índices de representação da paisagem, os quais foram não apenas utilizados na análise de agrupamentos mas também eficientes no apoio do mapeamento dos solos, a nível de subordem do Sistema Brasileiro de Classificação de Solo.

Palavras-chave: modelagem numérica do terreno; índices de representação da paisagem; análise de agrupamentos.

Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1415-43662012000400011&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>

Note que está presente no resumo: **o assunto** (O mapeamento de solos tem ganhado destaque dentro da comunidade científica, pois, à medida em que a preocupação com o meio ambiente aumenta, ocorre a necessidade de se entender cada vez mais a distribuição dos solos na paisagem, tal como seu potencial e limitações de uso); **o objetivo** (Desta forma, o principal objetivo do trabalho foi aplicar índices de representação da paisagem com o apoio de geoprocessamento, suporte na delimitação dos diferentes compartimentos da paisagem); e **método** também (Foram utilizados índices primários Altitude above channel network (AACN) e secundários Channel network base level (CNBL, Multiresolution index of valley bottom flatness (MRVBF) e Wetness index (ITW), cujo estudo foi a Fazenda Experimental Canguiri, no município de Pinhais, região Metropolitana de Curitiba. Para correlacionar os atributos químicos e granulométricos por grupo de amostragem, totalizando 17 pontos (Sugamoto, 2002) foi gerada, no Software Statistica, uma matriz de correlação linear simples (Pearson) com os índices de representação da paisagem, os quais foram não apenas utilizados na análise de agrupamentos mas também eficientes no apoio do mapeamento dos solos, a nível de subordem do Sistema Brasileiro de Classificação de Solo).

Todos os aspectos acima são desejáveis no resumo, como também as conclusões alcançadas no trabalho resumido.

3 – Resenha acadêmica

Há muitas maneiras de se escrever uma resenha. Muitos orientam que se deve fazer primeiramente uma abordagem resumida do texto em questão e depois apresentar o teor dissertativo. Também se fala em fazer a abordagem críticas desde o início, ao apresentar os fatos. Para fazer uma resenha, portanto, pense como você procede ao fazer uma abordagem reflexiva de um fato, descrevendo-o para depois criticá-lo ou fazendo ambos simultaneamente.

A resenha deve apresentar, em sua estrutura, a bibliografia do texto analisado, uma breve apresentação do autor e, por fim, o texto discorrido.

José Guilherme Magnani & Lillian de Lucca Torres (org.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana.* São Paulo, EDUSP/FAPESP, 1996, 319p.

Bernardo Lewgoy
Departamento de Antropologia/UFRGS
e doutorando em Antropologia/USP

Até recentemente a cidade de São Paulo, maior metrópole da América do Sul, era tradicionalmente conhecida pelas marcas distintivas do *ethos* do trabalho, pelos ritmos acelerados de uma máquina capitalista desenfreada, pela grandiosidade caótica e imponente amazônica de seus espaços construídos. Poucos eram os analistas que salientavam outros recortes para se perceber as vivências plurais dos paulistanos em seu meio urbano, no qual apropriações ligadas ao lazer, à festa e à religião parecem ser igualmente características do estilo de vida da aparentemente infindável miríade de grupos distintos que cruzam diariamente as ruas da metrópole.

No livro *Na Metrópole: textos de antropologia urbana*, organizado por José Guilherme Magnani e Lillian de Lucca Torres, este outro olhar sobre São Paulo é encarado como uma tarefa antropológica, aliás tributária de um diálogo com a melhor antropologia urbana brasileira. Trata-se de uma coletânea de oito trabalhos e um ensaio final, em que desfilam alguns dos ângulos mais característicos de São Paulo, como o lazer no Bexiga, Paulista e Consolação, a vida de jovens aficionados de um *night club*, o estilo de vida de cinéfilos, o vigor entre alegre e guerreiro de torcedores de futebol (com sua ressemantização cíclica e quase totêmica do ambiente urbano em dias de jogo), a atualização de laços de solidariedade entre migrantes nordestinos e, último mas não menos importante, a constante presença do povo-de-santo adaptando-se e adaptando a cidade a seus códigos, mas também vivendo intensamente a festa, que repõe e produz significações no centro de sua vida ritual. Em sua maioria, os autores são ou foram orientandos de Magnani no PPGAS/USP, e participantes do Núcleo de Antropologia Urbana. É preciso destacar essa importante característica da antropologia urbana brasileira: não se trata de um olhar e de um estranhamento estrangeiro atuando sobre São Paulo - como em *Tristes Trópicos*, de Lévi-Strauss, ou em *Um olhar francês sobre São Paulo*, de Laplantine & Olivenstein - em que a tradução de uma realidade percebida em bloco conduz a escrita à ânsia da totalização e apreende a diversidade de forma chapada. A antropologia é feita aqui por "iniciados", cúmplices desde antes senão dos grupos pesquisados, mas da trama de relações urbanas que impõe regras e preferências

aos deslocamentos e vivências na metrópole. E isto, como sabemos, exige uma vigilância epistemológica adicional, um cuidado para não sobrepor nossos valores e percepções ao(s) do(s) grupo(s) pesquisado(s). Ora é preciso adiantar que a maioria dos trabalhos atinge plenamente esse distanciamento, atingindo um patamar etnográfico de boa qualidade.

O texto de José Guilherme Magnani ("Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole") delimita as linhas programáticas que norteiam a obra. Os antropólogos após constituírem suas teorias, conceitos e métodos em sociedades observadas na escala da aldeia, defrontaram-se com o problema de abordar agrupamentos humanos situados em sociedades complexas, marcadas por uma história de longa duração, por transformações aceleradas em seus sistemas simbólicos e estilos de vida e pela onipresença da cidade, como o *locus* onde enraíza sua memória e experiências coletivas. Diante disso, intensificou-se a preocupação em dialogar com a produção sociológica clássica e moderna a respeito da cidade, em que os clássicos problemas religião e secularização, tradicional e moderno, comunidade e sociedade, rural e urbano, indivíduo e sociedade, passam a ser enfocados à luz do grande laboratório sociocultural representado pelas metrópoles no século XX, desde os trabalhos seminais da Escola de Chicago. Assim, uma rápida revisão do trajeto histórico que levou as ciências sociais a tomarem o ambiente urbano como objeto de reflexão conduz o percurso de reflexão a uma justificação do objeto de pesquisa, passando por uma leitura crítica da antropologia urbana em São Paulo até os anos 80. Tida por Magnani como fragmentária e incapaz de independizar-se da órbita teórico-metodológica dos estudos de índios, minorias étnicas e regionais, religiões e famílias, a antropologia urbana em São Paulo não chegou a constituir um campo próprio de estudos que levasse a sério as apropriações múltiplas do espaço urbano pelos moradores, em suas dimensões de lazer, trabalho, festa, crenças, etc. Só a partir dos anos 80 este quadro sofre uma mutação significativa, na qual se insere o próprio trabalho de Magnani, *Festa no Pedaco*.

O *corpus* teórico proposto a seguir ancora-se em alguns conceitos básicos, mais resultantes do clássico procedimento antropológico de alçar pacientemente certas noções nativas em categorias analíticas do que de uma conceitualização abstrata arbitrariamente imposta ao material. A reflexão do antropólogo frequentemente extrai mais proveito da dinâmica do trabalho etnográfico, colada ao campo, que de sofisticadas e distantes problematizações, que muitas vezes se mostram de alto risco para dar conta de um fato local. A partir de noção de *pedaco*, termo nativo sabiamente designador de um segmento concreto da vida urbana, territorialmente circunscrito e marcador de um conhecimento de redes de parentesco e/ou amizade que dão a tônica das práticas de sociabilidade que formam um certo tipo de identidade local, Magnani propõe novas noções para a antropologia urbana, a fim de elaborar experiências e dinâmicas culturais não capturáveis a partir daquela chave analítica, como, por exemplo, as práticas de lazer em zonas centrais da cidade, a imposição de significados ao ambiente urbano pelas

torcidas de futebol, etc. Assim, ao lado do *pedaço*, as *manchas*, *trajetos* e *circuitos* surgem como ferramentas de reflexão e pesquisa para dar conta das múltiplas apropriações diferenciais do espaço urbano, em que os lugares e caminhos da cidade só fazem sentido se referidos a práticas culturais específicas dos grupos, como o lazer e a religião, dominantes ao longo da coletânea. A lógica pedestre de circulação pelos espaços da cidade partiu do desafio proposto aos jovens pesquisadores de trabalharem segundo o esquema cenários, atores e regras, evidenciando a preeminência de uma preocupação metodológica na feitura das pesquisas.

O artigo de Lilian de Lucca Torres "Programa de paulista: lazer no Bexiga e na Avenida Paulista com a Rua da Consolação" é uma aplicação etnográfica que testa as proposições de Magnani à luz da dimensão do lazer, sem descurar da memória coletiva dos lugares tratados. Afinal as sociabilidades não brotam do vazio mas surgem em espaços já enraizados na memória da cidade, como é o caso do Bexiga, tradicional bairro de imigração e boêmia de São Paulo, tão bem evocado nas poesias referidas ao longo do texto. Aliás, como em outros textos, está bem inserido este contraponto da poesia, enquanto metalinguagem indicativa de algo mais abrangente que a própria descrição etnográfica, mostrando a riqueza de recursos de que se valem os pesquisadores para evocar o universo pesquisado.

Em "As esquinas sagradas: o candomblé e o uso religioso da cidade", Vagner Gonçalves da Silva nos brinda com uma bela e original análise da dinâmica cultural de adaptação do candomblé à cidade de São Paulo, tão rarefeita em espaços naturais sacralizáveis perante as demandas tradicionais do povo-de-santo. Nele se desvenda etnograficamente a grande criatividade do candomblé para manter a lógica de seu sistema cosmológico e ritual num meio aparentemente infenso à sobrevivência desta religiosidade, podendo ser considerado um dos pontos altos do livro.

A capacidade que os torcedores de futebol têm de entrelaçar diversas dimensões, do pedaço ao time, e deste à cidade, numa vivência lúdica e dramática, atualizando um *ethos* particular que envolve o amoldamento dos trajetos e equipamentos urbanos ao império de suas significações apaixonadas e efervescentes, com grande riqueza e pertinência de detalhes, é o tema da etnografia de Luiz Henrique de Toledo, "A cidade das torcidas: representações do espaço urbano entre torcedores e torcidas de futebol na cidade de São Paulo". Os vários planos envolvidos são abordados, desde a transformação da cidade em dias de jogo, com suas implicações em termos de segurança pública (relacionada à imagem oficial dos *perigos* representados pelos torcedores) até as práticas e representações, bem como a ordenação e hierarquização dos torcedores dentro dos estádios.

A cinefilia acompanhou as tendências de desenvolvimento urbano em São Paulo, associada a um estilo de vida de classe média cuja memória e perfis atuais são pesquisados por Heloísa Buarque de Almeida no artigo "Janela para o mundo: representações do público sobre o circuito de cinema de São Paulo". A memória dos

principais cinemas, linha de programação e tipos de público são abordados neste texto, que destaca a Mostra Internacional de Cinema como o locus atual para observar o estilo de vida dos cinéfilos urbanos.

"O retrato do Nation Disco Club: os neodândis do final dos anos 80", de Marinês Antunes Calil, em que pese o pendor literário e memorialista da autora, com seus inúmeros detalhes a respeito de um *night club* paulistano, é o texto em que os problemas de sobreposição dos gostos e estilo de vida da própria autora mais interferem na construção da pesquisa. Seu resultado é por demais impressionista, em detrimento de um olhar antropológicamente instruído, e talvez merecesse ser refeito com maior distanciamento. Mas o texto mantém o interesse enquanto um colorido depoimento a respeito dos hábitos noturnos de um segmento jovem de classe média paulistana.

As práticas dos nordestinos em São Paulo, suas estratégias de reafirmação de laços sociais, construção de identidade e relacionamento com redes familiares de origem é o tema escolhido por Rosani Cristina Rigamonte em "Severinos, Januárias e Raimundos: notas de uma pesquisa sobre os migrantes nordestinos na cidade de São Paulo". Do "Forró do Severino" ao ritual da espera de cartas trazidas por caminhões numa praça (mais confiável para os pesquisados do que o correio normal), vão sendo analisados os traços da presença dos nordestinos e sua adaptação ao ambiente urbano de São Paulo.

O último artigo etnográfico do livro, "Cidade em festa: o povo-de-santo (e outros povos) comemora em de São Paulo", de Rita de Cássia Amaral, conjuga maestria etnográfica com fôlego teórico, tomando o exemplo das festas das religiões afro-brasileiras para refletir sobre o próprio significado da festa na sociedade brasileira. As descrições etnográficas são extremamente acuradas conseguindo capturar com rara felicidade aspectos formais e informais da preparação e realização das festas, tão importantes que são para o candomblé. Também as ressonâncias da religiosidade afro-brasileira em outros setores, como na música popular, no rádio e no cinema são evocados dentro do texto, um dos melhores momentos da coletânea.

O posfácio de Maria Lúcia Montes procura refletir teoricamente a respeito das etnografias anteriores, amarrando as significações mais gerais das análises, de um ponto de vista antropológico. Ali retornam os conceitos desenvolvidos ao longo do livro, como o pedaço, as manchas, os trajetos e os circuitos, coabitando com referências temáticas como a questão da Nação e do poder político, e teóricas, como a indicação da possibilidade de uma antropologia da cidade transcendendo os limites auto-impostos de uma antropologia na cidade, como pretende o atual estado da arte da antropologia urbana.

Concluindo, a coletânea *Na Metrópole* nos mostra que a antropologia urbana brasileira, antes de ser um terreno esgotado, está bem viva e atuante, estimulando reflexões e trabalhos, com as marcas características de um campo de estudos em pleno amadurecimento, alimentando-se da incessante mutação do pólo urbano da sociedade brasileira.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77011997000200009>

Na referência bibliográfica, temos informações sobre o autor, a obra resenhada, local, editora, ano e o número de páginas. Abaixo, em recuo à direita, temos informações sobre o elaborador da resenha, professor Bernardo Lewgoy.

Na resenha, também é pertinente que haja:

a) Informações sobre os autores:

- Em sua maioria, os autores são ou foram orientandos de Magnani no PPGAS/USP, e participantes do Núcleo de Antropologia Urbana.

A antropologia é feita aqui por "iniciados", cúmplices desde antes senão dos grupos pesquisados, mas da trama de relações urbanas que impõe regras e preferências aos deslocamentos e vivências na metrópole.

b) Resumo das ideias principais:

- No livro *Na Metrópole: textos de antropologia urbana*, organizado por José Guilherme Magnani e Lillian de Lucca Torres, este outro olhar sobre São Paulo é encarado como uma tarefa antropológica, aliás tributária de um diálogo com a melhor antropologia urbana brasileira. Trata-se de uma coletânea de oito trabalhos e um ensaio final, em que desfilam alguns dos ângulos mais característicos de São Paulo, como o lazer no Bexiga, Paulista e Consolação, a vida de jovens aficionados de um *night club*, o estilo de vida de cinéfilos, o vigor entre alegre e guerreiro de torcedores de futebol (com sua ressemantização cíclica e quase totêmica do ambiente urbano em dias de jogo), a atualização de laços de solidariedade entre migrantes nordestinos e, último mas não menos importante, a constante presença do povo-de-santo adaptando-se e adaptando a cidade a seus códigos, mas também vivendo intensamente a festa, que repõe e produz significações no centro de sua vida ritual.

No texto em questão, é importante enfatizar que o resumo não apresentado e encerrado para posterior inserção da crítica. Ambos se alternam no decorrer do texto, como no resumo e na crítica feita de cada vez dos trabalhos organizados em coletânea. Lewgoy

não se limita à ideia de que se deve primeiramente fazer uma síntese da obra para então dissertar.

c) Questões de método e técnica:

- Ora é preciso adiantar que a maioria dos trabalhos atinge plenamente esse distanciamento, atingindo um patamar etnográfico de boa qualidade.

A reflexão do antropólogo freqüentemente extrai mais proveito da dinâmica do trabalho etnográfico, colada ao campo, que de sofisticadas e distantes problematizações, que muitas vezes se mostram de alto risco para dar conta de um fato local.

d) Referências do autor:

- O *corpus* teórico proposto a seguir ancora-se em alguns conceitos básicos, mais resultantes do clássico procedimento antropológico de alçar pacientemente certas noções nativas em categorias analíticas do que de uma conceitualização abstrata arbitrariamente imposta ao material.

e) A crítica, o teor dissertativo, presente em vários momentos:

- “Em 'As esquinas sagradas: o candomblé e o uso religioso da cidade', Vagner Gonçalves da Silva nos brinda com uma bela e original análise da dinâmica cultural de adaptação do candomblé à cidade de São Paulo, tão rarefeita em espaços naturais sacralizáveis perante as demandas tradicionais do povo-de-santo.”

“Seu resultado é por demais impressionista, em detrimento de um olhar antropológicamente instruído, e talvez merecesse ser refeito com maior distanciamento. Mas o texto mantém o interesse enquanto um colorido depoimento a respeito dos hábitos noturnos de um segmento jovem de classe média paulistana.”

“O último artigo etnográfico do livro, 'Cidade em festa: o povo-de-santo (e outros povos) comemora em de São Paulo', de Rita de Cássia Amaral, *conjuga maestria etnográfica com fôlego teórico*, tomando o exemplo das festas das religiões afro-brasileiras para refletir sobre o próprio significado da festa na sociedade brasileira. As descrições etnográficas são extremamente acuradas conseguindo capturar com rara felicidade aspectos formais e informais da preparação e realização das festas, tão importantes que são para o candomblé.”

4 - Citação em trabalhos acadêmicos

Quando um acadêmico escreve um trabalho sobre certo tema, presume-se que ele tenha lido outros textos sobre o assunto. Dessa forma, mencionar uma lição de determinado autor pode ser extremamente oportuno para a explicação. Note também que se trata de um ato de honestidade intelectual, pois aproveitar-se das ideias de outras pessoas sem dar o devido crédito é plágio. Portanto, são necessários alguns cuidados normatizados pela ABNT.

Sistema de chamadas.

Primeiramente, deve-se optar por um sistema de chamada, o qual pode ser o numérico ou o autor-data. Nunca se deve mesclar os dois. No primeiro caso, o autor deve, após o texto mencionado, colocar o número da citação entre parênteses e alinhado ou como um expoente. Observe:

- Conforme Leme, “Quando numa palavra duas vogais estão uma ao lado da outra, mas pertencendo cada uma a uma sílaba diferente, diz-se que temos **hiato**”.¹

Na referência bibliográfica teremos:

- ¹ LEME, Odilon Soares. A Nova Ortografia. São Paulo: Barros, Fischer e Associados, 2013. p. 15

O sistema autor-data, por sua vez, requer que a citação informe o autor, o ano da publicação e, quando for citação direta, o número da página,

- “Quando numa palavra duas vogais estão uma ao lado da outra, mas pertencendo cada uma a uma sílaba diferente, diz-se que temos **hiato**”. (LEME, 2013, p. 15)

Como a página é mencionada na citação, ela não é mais aparece na bibliografia.

- LEME, Odilon Soares. A Nova Ortografia. São Paulo: Barros, Fischer e Associados, 2013

O referencial no sistema numérico é organizado conforme a ordem de aparição das citações, enquanto no autor-data deve-se obedecer a ordem alfabética.

1. Citação direta

Na citação direta, ocorre a transcrição de trecho do texto. Deve-se informar quem é o autor, o ano da publicação e a página de onde a informação foi extraída

1.1 De um só autor

- Severino (2007, p. 78) nos ensina que "Uma monografia deve, pois, assumir a forma lógica de demonstração de uma tese proposta hipoteticamente para solucionar um problema".

ou

- "Uma monografia deve, pois, assumir a forma lógica de demonstração de uma tese proposta hipoteticamente para solucionar um problema". (SEVERINO 2007, p. 78)

1.2 De 2 ou 3 autores:

“Os textos literários são, obviamente, outra referência de língua padrão, embora já não tenham a hegemonia dos séculos passados.” (FARACO; TEZZA, 2014, P. 56)

1.3 Mais de 3 autores

“Em nota, os autores do dicionário explicam que '[a] expressão instância de discurso quase sempre se faz acompanhar, nos textos de Benveniste, da palavra enunciação e as duas noções são definidas, muitas vezes, de maneira muito próxima'. (FLORES et al, 2009, p. 142).” (SOUZA, 2014, p.67).

Obs.: usa-se aspas simples para indicar uma citação dentro de uma citação.

1.4 Citação com mais de três linhas

Quando a citação ultrapassa três linhas, deve-se fazer um recuo de 4,0 cm da margem esquerda, além de diminuir a fonte para 11 ou 10.

A qualidade de um texto, como já pudemos perceber ao longo dos capítulos anteriores, está diretamente ligada a aspectos que ultrapassam os limites do que se costuma chamar *sistema da língua*. Isto é, não basta que o texto obedeça às regras de uma gramática normativa, que as palavras estejam corretamente grafadas, que as leis de concordância padrão sejam seguidas etc. Porque, afinal de contas de contas, o texto em si não é nada! Ele é, de fato, uma ponte entre dois (ou mais) interlocutores. (FARACO; TEZZA, 2014, P. 148 – 149)

2 Citação indireta

Quando indireta, não se faz a transcrição da obra citada. Aqui, há uma explicação com as próprias palavras de quem faz a menção:

Para Marx e Engels (2002), o conflito de classes antagônicas tem sido em si a história das sociedades.

Ou

O conflito de classes antagônicas tem sido em si a história das sociedades (MARX; ENGELS, 2000).

3 Citação traduzida

Inclui-se a expressão “tradução nossa” após a chamada.

4 Citação da citação

É de orientação geral que se evite a citação da citação, pois é preferencial que haja contato direto com o texto a ser trabalhado. Contudo, quando é necessário, deve-se colocar o nome do autor citado, a palavra *apud*, o autor que cita, o ano da obra consultada e a página.

Cada época histórica da vida ideológica e verbal, cada geração, em cada uma das suas camadas sociais, tem a sua linguagem: ademais, cada idade tem a sua linguagem, seu vocabulário, seu sistema de acentos específicos, os quais, por sua vez, variam em função da camada social, do estabelecimento de ensino (a linguagem do cadete, do ginasiano, do realista são linguagens

diferentes) e de outros fatores de estratificação. Trata-se de linguagens socialmente típicas por mais restrito que seja seu meio social. (BAKHTIN apud FARACO; TEZZA, 2014, p. 18).

No exemplo acima, podemos concluir que Bakhtin foi citado por Faraco e Tezza na página 18 da obra de 2014, que estará especificada nas referências bibliográficas.

5 Citação de documentos diferentes do mesmo autor e ano

Deve-se acrescentar letras minúsculas após a chamada para diferenciar a obra. Na hipótese de citar duas obras do mesmo autor, ambas de 2008, por exemplo, a chamada deverá ser (SILVA, 2008, a) e (SILVA, 2008, b).

6 Citação de obra com mais de um volume.

(DIDIER JUNIOR, 2013, v. 1)

(DIDIER JUNIOR, 2013, v. 2)

7 Sobrenomes que indicam parentesco

(DIDIER JUNIOR, 2016)

Resolução de questão

Organize as referências abaixo listadas conforme a sequência em que foram citadas no texto.

1- Autor: Pedro Nava; obra: Balão cativo; local de publicação: Rio de Janeiro; editora: José Olympio; ano de publicação: 1973; página 4.

2 – Autor: Salomão P. Maia; obra: Dicionário de verbos de “Os Sertões”; local de publicação: Fortaleza; editora: Edições Demócrito Rocha; ano de publicação: 2002; página 3.

3 – Autor: Murilo Rubião; obra: Contos Reunidos; local de publicação: São Paulo; editora: Ática; ano de publicação: 1998; página 6.

5 - Fichamento

Há vários tipos de fichamento. O mais conhecido é o que de ficha de transição, o qual indica a bibliografia e as citações diretas dos trechos principais da obra. É um excelente instrumento de trabalho por possibilitar ao pesquisador a consulta posterior de um trecho da obra que seja de extremo interesse.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto do partido comunista. 9. ed. São Paulo: Global, 2000.

“A história das sociedades que existiram até hoje tem sido a história das lutas de classe.” p. 75

“A sociedade burguesa moderna, que brotou das ruínas da sociedade feudal, não aboliu os antagonismos de classe.” p. 76

6 - Coesão

Para os nossos estudos de coesão, convidamos primeiramente à leitura do seguinte conceito de texto:

Texto é um tecido verbal estruturado de tal forma que as ideias formam um todo coeso, uno, coerente. A imagem de tecido contribui para esclarecer que não se trata de feixe de fios (frases soltas), mas de fios entrelaçados (frases que se inter-relacionam). (MEDEIROS, 2011, p. 123)

leitura de uma reportagem sobre as eleições nos Estados Unidos abaixo, que foi adaptada para a nossa atividade.

Trump e Hillary estão perto de serem indicados para disputar a Presidência

Hillary Clinton já tem 91% dos delegados que precisa para vencer prévias. Trump ganhou em cinco estados e já tem 77% dos delegados.

Nas votações prévias de terça-feira (26), nos Estados Unidos, o bilionário Donald Trump e a ex-secretária de Estado Hillary Clinton ficaram bem mais perto de conquistar as indicações dos partidos Republicano e Democrata pra disputar a Presidência.

A lua de mel com os eleitores é barulhenta. Com a conquista de Connecticut, Maryland, Pensilvânia e Delaware, a ex-secretária de Estado Hillary Clinton já garantiu 91% dos delegados que precisa para vencer as prévias do Partido Democrata.

É visível. A vitória deu ainda mais confiança a ex-secretária Hillary Clinton. Hillary Clinton está cada vez mais perto de se tornar a primeira mulher indicada por um grande partido para disputar a Presidência dos Estados Unidos. E o resultado forçou uma pergunta: é o fim da linha para o senador Bernie Sanders?

O senador Bernie Sanders só venceu em Rhode Island, mas avisou que vai lutar até o fim.

A ex-secretária Hillary Clinton centrou fogo no republicano, o bilionário Donald Trump. E disse que o amor vai superar o ódio.

Donald Trump ganhou terça nos cinco estados e já tem 77% dos delegados necessários para ser o candidato do partido. Donald Trump disse que a ex-secretária de Estado Hillary só tem apelo porque é mulher.

Nesta quarta-feira (27), o bilionário Donald Trump fez um discurso para abafar as críticas de que não entende de política externa. E, numa mudança de tom, falou em trabalhar com “os amigos muçulmanos” para combater o terrorismo.

O principal adversário dele, o senador Ted Cruz, anunciou a ex-pré-candidata Carli Fiorina como vice na chapa. E Carli Fiorina até cantou.

Texto com redação original disponível em: < <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/04/trump-e-hillary-estao-perto-de-serem-indicados-para-disputar-presidencia.html>>

A uma primeira vista, o texto passa a sensação de ser repetitivo, devido à reiteração constante dos termos ex-secretária de Estado Hillary Clinton e bilionário Donald Trump. Contudo, falhas na coesão podem ocasionar problemas maiores e prejudicar a coerência.

6.1 – Referência

Na coesão por referência, opta-se por fazer a substituição dos vocábulos por algumas pró-formas, como pronomes e advérbios. No texto, por exemplo, poderia ser feita a seguinte coesão por referência:

- A vitória deu ainda mais confiança a ex-secretária Hillary Clinton. *Ela* está cada vez mais perto de se tornar a primeira mulher indicada por um grande partido para disputar a Presidência dos Estados Unidos.

Note que o pronome *ela* permite que se evite repetir Hillary Clinton desnecessariamente.

- Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como *lá*.

Aqui, a coesão por referência foi realizada pelo advérbio lá, que remete ao termo minha terra.

- Vou-me embora pra Pasárgada

Lá sou amigo do rei

6.2 - Elipse

Consiste na omissão de um termo para também evitar repetições.

- A professora do menino achou o bilhete dentro de um livro e avisou a direção da escola, que entrou em contato com as autoridades e o Centro Municipal da Mulher de Benalmádena. (BBC)

Repare que há a supressão da palavra professora antes da segunda oração: *[a professora] avisou a direção da escola*. A repetição também poderia ter sido evitada com o uso de um pronome: *A professora do menino achou o bilhete dentro de um livro e ela avisou a direção da escola*. Contudo, o redator optou pela elipse, que também é uma escolha adequada.

6.3 - Redução

A redução é um recurso em que o termo de certa extensão é reiterado em partes. No texto em análise, a candidata do partido democrata foi mencionada diversas vezes como ex-secretária de Estado Hillary Clinton. Assim, seria possível referir-se posterior a ela por Hillary Clinton, ex-secretária, Clinton ou Hillary. Abaixo mais uma modificação possível:

- E o resultado forçou uma pergunta: é o fim da linha para o **senador Bernie Sanders**?

O senador Bernie Sanders só venceu em Rhode Island.

Entre os vários recursos coesivos possíveis, empregamos abaixo a redução:

- E o resultado forçou uma pergunta: é o fim da linha para o **senador Bernie Sanders**?

O **senador** só venceu em Rhode Island.

6.4 - Coesão Lexical

6.4.1 Reiteração

A reiteração consiste na repetição do termo. O uso excessivo deste recurso não é recomendável, mas pode ser aproveitado se utilizado moderadamente.

- Irene no Céu

Irene preta

Irene boa

Irene sempre de bom humor.

Imagino Irene entrando no céu:

- Licença, meu branco!

E São Pedro bonachão:

- Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.

6.4.2 Colocação ou Contiguidade

6.5 Coesão sequencial

Diferente dos tipos de coesão vistos até então, a coesão sequencial, ao invés de remeter a uma palavra anteriormente dita, tem por finalidade a introdução de novas

a) separar orações e termos com a mesma função sintática.

- “O estudo foca em aspectos relacionados às características *da formação acadêmica dos mesmos, da atuação profissional desse grupo no Brasil, dos padrões de remuneração a que estão submetidos e a questão de gênero nesse universo, dentre outros aspectos relevantes.*” (CAPES)

b) aposto

- “Informações como essa compõem o estudo "Doutores Brasileiros Titulados no Exterior (1970 - 2014)", apresentado nesta terça-feira, 29, pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), *organização social supervisionada pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), durante seminário em Brasília.*” (CAPES)

c) vocativo

- *Prezado estudante*, informamos que as aulas começam após dia 06 de junho.

d) termos repetidos

- *Nada, nada* sobrou do casebre após o incêndio.

e) adjunto adverbial anteposto

- “*Até 2011*, os homens eram os que mais saíam do Brasil para obter a titulação.” (CAPES)

Obs.: as orações adverbiais, assim chamadas por também exercer a função sintática de adjunto adverbial, obedecem à mesma regra.

- “*Quando chegaram à escola*, o marido esperou do lado de fora, e ela entrou na sala.” (BBC)

f) antecipação de termo a ser retomado

- Gosto de nossos pratos típicos, mas o tacacá, esse sim é o melhor.

g) palavras e locuções que expressam conexões discursivas (conjunções adversativas, conjunção explicativa *pois*)

- “Quanto à renda, *no entanto*, os dados de 2014 mostram que as doutoras formadas no exterior ganham em média R\$ 15.239,12, enquanto os homens com a mesma titulação recebem em média, por mês, R\$ 18.250,49.” (CAPES)

h) elipse

- “Uns param e vão rezar nos oratórios dos caminhos; outros, para se reabastecerem nos postos de gasolina.” [MACHADO apud AZEREDO, 2013, p. 522].

i) separar orações coordenadas sindéticas e assindéticas.

- “De repente, chega na livraria alguém que não vinha para comprar livros, pois ignorou as prateleiras repletas de novidades.” [GABEIRA, apud AZEREDO, 2013, p. 522]

j) oração intercalada

- “Se o alienista tem razão, *disse eu comigo*, não haverá muito que lastimar o Quincas Borba”. (ASSIS apud CUNHA; CINTRA, 2001, p.

k) coordenações por correlação em geral

- *Tanto* o inverno, *quanto* o verão são quentes em Belém.

l) orações reduzidas de infinitivo

- Informações como essa compõem o estudo "Doutores Brasileiros Titulados no Exterior (1970 - 2014)", *apresentado nesta terça-feira, 29*, pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), organização social supervisionada pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), durante seminário em Brasília.” (CAPES)

2 Ponto e vírgula

- a) separar termos quando ao menos um deles é segmentado por vírgula.

- “Chamo-me Inácio; ele, Benedito.” (ASSIS apud CUNHA; CINTRA, 2001, p. 653)
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

b) quando as orações coordenadas apresentam certa extensão.

- “Talvez espante o leitor a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; advirto que a franqueza é a primeira virtude de um defunto.” (ASSIS apud AZEREDO, 2013, p. 523)

3 Dois pontos

a) transcrição

- “Considere esta afirmação de Mikhail Bakhtin:

Não se pode construir uma enunciação sem modalidade apreciativa. Toda enunciação compreende antes de mais nada uma *orientação apreciativa*. É por isso que, na enunciação viva, cada elemento contém ao mesmo tempo um sentido e uma apreciação.” (FARACO; TEZZA, 2014, p. 136)

b) detalhamento

- “O bacharel trabalha numa das áreas de ponta da indústria: a pesquisa de novos materiais e de novos usos industriais para os materiais já existentes” (GUIA DO ESTUDANTE)

c) comentário que denota uma conclusão ou justificativa

- “Não se deve exigir heroísmo para ser virtuoso: a virtude deve resultar justamente do processo psicossociológico que rege a vida em comum.” (LIMA apud AZEREDO, 2013, p. 524)

4 Ponto

Usa-se no final de períodos e outras frases. A palavra que o suceder deve ser grafada com letra maiúscula e não se deve esquecer de empregar o ponto, principalmente no final dos parágrafos ou do texto, por conta da pressa.

- “Para evitar riscos à mulher, foi elaborado um plano para investigar a denúncia sem levantar suspeitas. O casal foi convocado para ir à escola para uma suposta reunião sobre o filho.”

5 Aspas

a) delimitar citação

- "O CsF fez um esforço de radicalizar a formação no exterior. Ele trabalha em vários níveis, não é um programa só de doutores. Eu acho que ele levou a um ponto único a discussão da política pública brasileira de formação, ao entendimento de que é preciso que o intercâmbio no exterior se generalize, se intensifique", diz o diretor do CGEE, Antonio Carlos Galvão.
- Severino (2007, p. 78) nos ensina que "Uma monografia deve, pois, assumir a forma lógica de demonstração de uma tese proposta hipoteticamente para solucionar um problema".

Resolução de questões

1- Proceda com os ajustes necessários na pontuação dos enunciados abaixo.

a)

PREÂMBULO

Nós representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembléia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais a liberdade a segurança o bem-estar o desenvolvimento a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus a seguinte CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

b) Na aula de ontem o professor, apresentou a ementa da disciplina para a turma.

8 - Crase

Em sentido amplo, a crase é o fenômeno da união de duas vogais idênticas. Nesses termos, no enunciado *tenho uma mensagem para a Carla*, é possível indicar a ocorrência desse fenômeno em *para a*. Perceba que não se fala fragmentadamente a última vogal da preposição e o artigo. Também é possível perceber a crase como um fenômeno histórico da língua, a exemplo de *sedere*> *seer*> *ser*.

Contudo, será enfatizada a síntese do artigo *a* com a preposição *a*, circunstância indicada na escrita pelo uso do sinal grave, o que resulta em *à*. Às vezes, o escrevente se depara diante de um caso em que não sabe se o uso do sinal é pertinente. É importante, portanto, prestar atenção em algumas observações:

Usa-se a crase antes em locuções adverbiais, complementos de verbais e nominais... termos regidos pela preposição com um nome feminino. Em virtude disso, usa-se crase em:

- Para evitar riscos à mulher, foi elaborado um plano para investigar a denúncia sem levantar suspeitas.

Note que a palavra *riscos* exige a preposição *a* em seu complemento, no qual está presente a palavra feminina *mulher*. Logo, há crase. Em contraste, *investigar a denúncia* não tem crase, isso porque *investigar* é um verbo transitivo direto (não exige preposição *a*). Portanto, antes de *denúncia* está presente apenas o artigo feminino *a*.

Não se usa sinal indicativo de crase antes das seguintes palavras:

pronome pessoal:

- *A Constituição assegura direito à educação básica, inclusive aos que a ela não tiveram acesso na idade própria.*

verbo no infinitivo:

- *“A partir de 2012, esse cenário muda, e as mulheres doutoras ultrapassam os homens.”*

pronomes demonstrativos este/esse:

- *Dirigiu a palavra a esta pessoa.*

pronome indefinido:

- *Não se deve obedecer a nenhuma norma ilegal.*

formas de tratamento (exceto senhorita/senhora)

- *Solicito a Vossa Excelência...*
- *Solicito à senhora...*

pronomes relativos *que* e *quem*:

- *Esta é a obra a que me referi.*
- *Dê valor a quem te trate bem.*

nomes de lugar não antecedidos por artigo:

- *Vou a Ananindeua.*

É comum haver dúvida quanto ao uso da crase antes de nomes de lugar. Uma opção é inserir o nome no paralelismo *vou a... volto de...* caso o artigo se manifeste após a preposição *de*, aplica-se o acento grave.

- Vou a Ananindeua. (Volto de Ananindeua)
- Vou à Bahia. (Volto da Bahia)
- Vou a Miami. (Volto de Miami)

artigo indefinido:

- Precisei pedir ajuda a *uma* pessoa que estava perto.

Obs.: A crase é facultativa antes de pronomes possessivos e nomes.

- O namorado deu um presente à Carla.
- Fui à tua casa, mas não te encontrei.

Resolução de questões

Insira o sinal indicativo de crase no enunciados abaixo, quando pertinente.

- A partir de hoje, não irei procrastinar.
- Gostaria de expressar minha gratidão aqueles que tornaram possível a realização deste trabalho.
- Realizamos entrega a domicílio.
- O horário de atendimento é das oito as doze horas.
- Saírei da festa a francesa.
- Da sua casa a minha, temos uma longa caminhada.
- Por que não fazes pós-graduação a distância.

9 – Reforma ortográfica

A Reforma ortográfica apresenta uma série de mudanças, como a inclusão das letras **k**, **w** e **y** em nosso alfabeto, que passa a ter a seguinte configuração:

A – B – C – D – E – F – G – H – I – J – **K** – L – M – N – O – P – Q – R – S – T – U –
V – **W** – X – **Y** – Z

Entretanto, de todas as alterações, as mais relevantes são aquelas relativas à acentuação e o uso do hífen. Portanto, aborda-se o impacto da reforma ortográfica nesses dois aspectos principais.

Acentuação.

9.1 Proparoxítonas:

Passam a ser simultaneamente corretas as grafias em que se acentuam tanto com acento agudo, quanto com acento grave nas palavras sílabas tônicas com as vogais **e** ou **o** das proparoxítonas sucedidas por **m** ou **n**.

- sônico/sónico
- fenômeno/fenómeno
- atônito/atónimo
- ônibus/ónibus

9.2 Paroxítonas:

Vogais **e** ou **o** antes de **m** ou **n** são acentuadas tanto com acento agudo, quanto circunflexo.

- Vênus/vénus
- bônus/bónus

9.2.1 Deixa de ser acentuado o primeiro **o** das paroxítonas que terminam em **oo**.

- Voo, perdoo, caçoo, abençoo.

9.2.2 Não é mais acentuado o primeiro **e** das paroxítonas terminadas em **eem**.

- veem, creem, leem.

9.2.3 Também não possuem mais acentos os ditongos aberto **ei** e **oi**. Vale enfatizar que essa regra aplica-se apenas nas palavras paroxítonas.

- Heroico, assembleia, joia, plateia, estoico, jiboia, Coreia

9.3 Hiatos tônicos precedidos por ditongos não são mais acentuados.

- Feiura, boiuno, baiuca

9.4 Acentos diferenciais

Conforme a nova ortografia, os acentos diferenciais foram abolidos na maioria dos casos, mas é importante estar atento para os casos em que eles permanecem:

- pôr (verbo) x por (preposição)
- pôde (verbo poder na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito) x pode (verbo poder na terceira pessoa do singular do presente do indicativo).

9.5 Não há mais trema

- linguista, bilíngue, frequente, eloquente, sequestro, tranquilo

9.6 Não há mais acento agudo nos grupos gue, gui que e qui.

- ele argui, para que eu averigue.

Hífen

No geral, o uso do hífen ficou assim estabelecido após a reforma ortográfica:

9.7 – vocábulos compostos por duas palavras. Esta regra também se aplica às onomatopeias.

- Afro-asiático, quartel-general, porta-malas, tia-avó, segunda-feira, latino-americano, blá-blá-blá, vapt-vupt.

Cabe, contudo, observar que há vocábulos compostos que não seguem esta regra. A justificativa é a de que já se perdeu a noção de composição nestas palavras:

- Girassol, madressilva, paraquedista, pontapé.

Observa-se que há uma forte crítica a esta exceção feita por vários estudiosos, pois a regra leva a uma pergunta não respondida: em caso de dúvida, como saber se a noção de composição foi perdida? Nesses casos, deve-se fazer uso de instrumentos de consulta como dicionários (atualizados com a nova ortografia) e o vocabulário oficial da língua portuguesa, que pode ser acessado pelo site da Academia Brasileira de Letras.

9.8 – Nomes próprios de lugares com o prefixo grão, grã; verbo; elementos ligados por artigo.

- Grão-Pará, Grã-Bretanha, Baía de Todos-os-Santos, Quebra-Dentes.

9.9 – A espécies de plantas e animais

- Erva-doce, cavalo-marinho, peixe-boi, bico-de-papagaio, louva-a-deus.

Observe que, quando o vocábulo não se referir a plantas ou animais, não há hífen.

- Bico-de-papagaio (planta ornamental) x bico de papagaio (deformação na coluna).

9.10 – Locuções de uso consagrado.

Esta categoria representa uma exceção, pois as locuções em geral não apresentam crase (*cor de vinho, bife à cavalo...*). Contudo, o acordo ortográfico apresenta exceções:

- *água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa*

9.12 - Usa-se hífen antes dos advérbios **bem** e **mal** quando em unidade com o elemento que o segue. Contudo, mal apenas se aglutina com palavras iniciadas por vogais e a letra **h**.

- Exemplos do acordo: bem-aventurado, bem-estar, bem-humorado; malafortunado, mal-estar, mal-humorado; bem-criado (cf. malcriado), bem-ditoso (cf. malditoso), bemfalante (cf. malfalante), bem-mandado (cf. malmandado). bem-nascido (cf. malnascido) , bem-soante (cf. malsoante), bem-visto (cf. malvisto).

Hífen em formações com prefixo ou falso prefixo.

A título de exemplificação, a reforma ortográfica faz as seguintes listagens que transferimos para a tabela abaixo:

Prefixo	Falso prefixo
ante-, anti-, circum-, co-, contra-, entre-, extra-, hiper-, infra-, intra-, pós-, pré-, pró-, sobre-, sub-, super-, supra-, ultra-, etc.	aero-, agro-, archi-, auto-, hio-, eletro-, geo-, hidro-, inter-, macro-, maxi-, micro-, mini-, multi-, neo-, pan-, pluri-, proto, pseudo, retro-, semi-, tele-, etc.

9.11 - O prefixo ou falso prefixo separam-se do segundo elemento quando este começa por **h**.

- Exemplos do acordo: antihigiênico/anti-higiênico, circum-hospitalar, co-herdeiro, contraharmônico/contra-harmônico, extra-humano, pré-história, sub-hepático, super-homem, ultra-hiperbólico; arquihipérbole, eletro-higrómetro, geohistória, neo-helénico/neo-helênico, pan-helenismo, semi-hospitalar.

Contudo, não se usa hífen quando se trata dos prefixos **des-** ou **in-**. Nestes casos, a letra **h** é suprimida e substituída e os elementos se juntam.

- Exemplos do acordo: desumano, desumidificar, inábil, inumano, etc.

9.12 - Caso o prefixo ou falso prefixo termine em vogal, deve-se observar se o segundo elemento inicia pela **mesma vogal**. Quando sim, há hífen.

- Exemplos do acordo: anti-ibérico, contra-almirante, infra-axilar, supra-auricular; arqui-irmandade, auto-observação, eletro-ótica, micro-onda, semi-interno.

Exceção: o prefixo **co-**

- Exemplos do acordo: coocupante, coordenar, cooperação, cooperar, etc

9.13 – Os prefixos **ex-**, **sota-**, **soto-**, **vice-**, e **vizo-** são sempre separados por hífen.

- Exemplos do acordo: ex-almirante, ex-diretor, exhospedeira, ex-presidente, ex-primeiro-ministro, ex-rei; sota-piloto, sotomestre, vice-presidente, vice-reitor, vizo-rei.

9.14 – Casos especiais.

Separam-se por hífen:

Os prefixos **hiper-**, **inter-** e **super-** de palavras que começam por **h** ou **r**.

- Exemplos do acordo: hiper-requintado, inter-resistente, super-revista.

Os prefixos **circum-** e **pan-** de palavras quem começam por **h**, **m** ou **n**.

- Exemplos do acordo: circum-escolar, circum-murado, circum-navegação; pan-africano, pan-mágico, pan-negritude.

Não se separam por hífen:

Prefixo ou falso prefixo terminado com vogal e segundo elemento que inicie pela letra **r** ou **s**, que será duplicada.

- Antissemita, minirreceptora,

10 – Acentuação

Já foram abordadas as mudanças na acentuação devido à reforma ortográfica. Entretanto, há aquelas regras que não sofreram alterações com o acordo. Portanto, este tópico tem como objeto estas normas, que, apesar de mais familiares por não serem uma novidade, não podem ser negligenciadas ao se comunicar na modalidade escrita da língua.

Proparoxítonas

10.1 – Todas as proparoxítonas devem ser acentuadas:

- Arquipélago, pirâmide, sociólogo, acadêmico, cócegas, enfático, endêmico.

Paroxítonas

10.2 – Paroxítonas terminadas em **r**, **x**, **n**, **l**, **ps**, **ã**, **ãs**, **i**, **is**, **us**, **um**, **uns**

- câncer, tórax, hífen, amável, bíceps, tríceps, órfã, órfãs, táxi, táxis, lápis, ônus, bônus.

10.3 – Paroxítonas terminadas em ditongo.

- Óleo, gêmeo, bênção, escapulário, água, amáveis, família.

Há aquelas palavras denominadas de proparoxítonas aparentes, pois são paroxítonas, mas terminam em ditongo aberto. É só pensar em palavras que podem facilmente suscitar dúvidas quanto à separação silábica (fa-mí-lia ou famí-li-a? A-ma-zô-nia ou A-ma-zô-ni-a?). Apesar de qualquer discordância que possa haver sobre a classificação dessas palavras, tanto por um entendimento (proparoxítonas), como por outro (paroxítonas terminadas em ditongo), elas não deixam de ser acentuadas.

Oxítonas

10.4 – Oxítonas terminadas em **a**, **e** ou **o**.

- Xará, será, maré, você, faraó, compôs.

10.5 – Monossílabos tônicos com as vogais **a**, **e** ou **o**.

- Há, já, é, fé, crê, pó, pôs.

10.6 – Palavras com mais de uma sílaba terminadas em -em ou -ens.

- refém, reféns, também, viténs.

Exceção: verbos ter e vir na terceira pessoas do plural.

- Eles têm, eles vêm.

10.7 – i ou u em hiato (tanto em oxítonas como paroxítonas) não antecedido por nh

- baú, rainha, saúva, saúde, açai.

Resolução de questão

Assinale a alternativa em que as palavras estejam acentuadas corretamente.

- maoísta, gênio, busca-la, vernaculo, tú, porta-copos, plurianual, contrarregra.
- maoista, gênio, buscá-la, vernáculo, tu, rodovia, porta-copos, plurianual, contrarregra.
- maoista, gênio, buscá-la, vernáculo, tú, rodovia, porta-copos, plurianual, contrarregra.
- maoísta, genio, busca la, vernáculo, tú, rodo-via, portacopos, pluri-anual, contra-regra.
- maoista, gênio, buscá la, vernáculo, tu, rodovia, portacopos, plurianual, contra-regra.

Bibliografia dos textos consultados

ASSIS, Machado de. Contos. São Paulo: Ciranda Cultura, 2007.

BBC. Mulher esconde pedido de ajuda na lição de casa do filho para denunciar maus tratos do marido. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/geral/2016/05/160504_violencia_mulher_recado_filho_rb

CAPES. Estudos apontam que mulheres lideram número de doutores no exterior. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/sala-de-imprensa/noticias/7852-estudo-aponta-que-mulheres-lideram-numero-de-doutores-titulados-no-exterior>>

GLOBO. Trump e Hillary estão perto de serem indicados para disputar a Presidência. Disponível em: < <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/04/trump-e-hillary-estao-perto-de-serem-indicados-para-disputar-presidencia.html>> Acesso em 02 de maio de 2016.

GUIA DO ESTUDANTE. Engenharia de Materiais. Disponível em: < <http://guiadoestudante.abril.com.br/profissoes/engenharia-producao/engenharia-materiais-685542.shtml>> Acesso em 2 de maio de 2016.

PRATES, Venina; SOUZA, Luiz C. de P.; OLIVEIRA JUNIOR, Jairo C. de. **Índices para a representação da paisagem como apoio para levantamento pedológico em ambiente de geoprocessamento.** *Rev. bras. eng. agríc. Ambient.* [online]. 2012, vol.16, n.4, pp.408-414. ISSN 1415-4366. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1415-43662012000400011&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em 6 de maio de 2016.

LEWGOY, Bernardo. Resenha. *Rev. Antropol.* Vol.40 n.2 São Paulo 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77011997000200009> Acesso em 8 de maio de 2016

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto do partido comunista. 9. ed. São Paulo: Global, 2000.

SOUZA, Natália Cristina de Almeida. Discurso: em busca da essência do pensamento de Émile Benveniste. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, 2014. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/4462/Nat%C3%A1>

lia%20Cristina%20de%20Almeida.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 10 de maio de 2016.

Referencial Teórico.

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa — 1990. Academia das Ciências de Lisboa, Academia Brasileira de Letras e delegações de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, com a adesão da delegação de observadores da Galiza, constitui um passo importante para a defesa da unidade essencial da língua portuguesa e para o seu prestígio internacional, Considerando que o texto do acordo que ora se aprova resulta de um aprofundado debate nos Países signatários. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/acordoortografico.pdf>>. Acesso em 15 de maio de 2016

AZEREDO, José Carlos de. Gramática Houaiss da Língua Portuguesa. São Paulo: Publifolha, 2013.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão. Prática de texto para estudantes universitários. 24. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LEME, Odilon Soares. A nova ortografia. São Paulo: Barros, Fischer & Associados, 2013.

MEDEIROS, João Bosco. Redação Científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 11. ed. – 4 reimpr. – São Paulo: Atlas: Atlas, 2011.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 23. ed. rev. e atual. – São Paulo: Cortez, 2007.